

MULHERES NEGRAS ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO: DISCRIMINAÇÃO E DESAFIO

Maria Aparecida Silva*

Resumo

O trabalho aqui apresentado é o resultado de minha dissertação de Mestrado em Sociologia, observamos que as mulheres negras adolescentes, ao construir para si um projeto de vida, estão se colocando com disposição de criar uma situação de questionamento de não aceitação dos lugares que estão colocados para elas na sociedade. Essas adolescentes negras, independentemente de não ter explícito quais são as reais facetas do racismo, de estar tão recentemente na construção de sua consciência de negritude, propõe-se a uma luta que é a modificação da mentalidade em relação às diferenças étnico-raciais. Podemos perceber que essa atitude é uma nova forma de manifestação que prima por direitos que reconheçam a diferença. A instituição escolar que é uma das formadoras de capital cultural, precisa estar atenta a essas mudanças de reivindicações que estão ocorrendo por parte de grupos étnico-raciais, para poder construir no espaço escolar uma compreensão de como se estabelecem as relações raciais nesse universo. Isso se faz necessário para que possamos criar no espaço escolar o respeito pelas diferenças.

Palavras-chave: Gênero. Adolescente. Discriminação. Estigma. Educação.

* Mestre em Sociologia pela FCL/Unesp/CAr-SP. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Militante do Movimento Negro integrante do FECONEZU – Organização Quilombola, interior de São Paulo.

1 Introdução

O presente trabalho se insere em um campo de preocupações que giram em torno da relação estabelecida entre *mulher negra adolescente e discriminação*. Desenvolver essa pesquisa com mulheres negras adolescentes foi estabelecer e caracterizar um período no qual a adolescente começa a demarcar seu território de sociabilidade, e sua relação com outros grupos étnicos. É o momento em que as identidades culturais étnicas tomam um sentido maior de percepção, é o questionar o que o diferencia de um determinado grupo.

Nesse sentido é pensar o adolescente enquanto credor de direitos, estabelecido pelo ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente e poder compreendê-lo fisicamente, psicologicamente e sociologicamente. E para isso tomaremos como norte de nossa pesquisa o espaço escolar onde os primeiros sinais de violência simbólica tornam-se mais evidentes por meio da estereotipagem e dos estigmas. Isso nos possibilita compreender o verdadeiro sentido do universo escolar que se apresenta constituído de violência simbólica e como esse universo pode ser intitulado digno de propor perspectiva de vida para as mulheres negras adolescentes. É o poder simbólico que se manifesta independente de ter uma percepção visível nas relações sociais.

Bourdieu (2001), ensina-nos que incorporamos tanto o poder simbólico quanto a violência simbólica. Sendo assim, faz sentido pensarmos a escola/educação como um espaço, onde a violência simbólica está presente como forma de delimitar a mobilidade de alguns grupos étnicos e raciais, por meio do poder que se estabelece nas relações raciais no espaço escolar.

Pensar a violência simbólica pelo viés da discriminação racial e de gênero entre mulheres negras adolescentes do ensino médio é procurar verificar se os projetos de vida e as perspectivas dessas estarão marcados por

alguma experiência de estereotipagem que absorvem o feminino e a raça como verdadeiros estigmas a ponto de negarem um futuro para elas.

No fundamental, em seu eixo, este trabalho teve como objetivo fixar a trajetória e a condição da mulher negra em uma sociedade definida como racista. Daí, a preocupação com a mulher negra adolescente. Especificamente, a questão foi saber se aquelas que sobreviveram às condições de vida mais gerais e, a despeito de todos os problemas das escolas públicas, as adolescentes negras que ingressam no ensino médio, prestes a encerrar o ensino secundário, têm seus projetos de vida, suas definições dos lugares futuros, marcadas por alguma experiência de estereotipagem sentida como violência.

Para explicitar esse núcleo de interesse, entendemos como violência não somente a força física que se exerce sobre o outro, mas a violência como todos os mecanismos que impeçam os indivíduos de atuarem com segurança e sem constrangimento.

Nesse caso, a violência direcionada ao negro pode ser analisada levando-se em consideração categoria estereótipo:

A representação de um objeto (coisas, pessoas, idéias) mais ou menos desligadas da realidade objetiva, compartilhada pelos membros de um grupo social com uma certa estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou oriente imediatamente a informação objetiva ou a percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicações de massa), o estereótipo mergulha as suas raízes no afetivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou engendrado (BARDIN, 2000, p. 51).

O estereótipo é, portanto, algo que permeia todas as relações sociais e se apresenta de várias maneiras, e no que nos interessa, em muitas dela, atuando como mecanismo de violência: eliminação da alteridade, eliminação simbólica do outro, manutenção de um universo imaginário.

Trata-se de saber se o estereótipo, enquanto um dos mecanismos de violência simbólica, acaba por determinar subjetivamente o seu lugar social e o seu projeto de vida enquanto membro de uma sociedade marcada pelo racismo. Foi nessa hipótese que a questão racial e a questão de gênero, em algumas de suas variantes, ainda permanecem como referência-problema para o contingente de mulheres negras adolescentes que pensam sobre suas vidas para além do ensino médio.

Esta pesquisa foi realizada em Araraquara, cidade conhecida como a Morada do Sol. Geograficamente, é uma cidade do interior localizada a 237 km da capital, na Região Central do Estado de São Paulo.

Araraquara foi fundada, no final do século XVIII, em 1790, por Pedro José Neto. Hoje considerada uma cidade moderna, modernidade essa que se construiu ao longo dos anos. Sua economia baseada primeiramente, na cana-de-açúcar e depois a laranja que conta também com uma grande produtividade, o suficiente para abastecer a região, o país e o comércio exterior.

O município conta com 182.471 habitantes, sendo que 173.569 dessa população estão concentrados na zona urbana e 8.902 na zona rural. Quanto a sua distribuição por sexo, vamos ter: homens residentes, 88.642 e mulheres residentes, 93.729.(Fontes: Censo IBGE- 2000).

Esta pesquisa contou com a participação de adolescentes negras do ensino médio de escolas públicas (E. E. Léa de Freitas Monteiro e E. E. Victor Lacorte) e particulares (Coeducar e Colégio Neruda) com objetivo de saber se essas adolescentes negras têm um projeto de vida para

além do ensino médio, dando prioridade à formação educacional e se seus projetos possam ser interrompidos por serem mulheres e negras.

Desenvolver essa pesquisa para nós foi uma maneira de romper com o anonimato e o silêncio de algumas mulheres negras adolescentes. Visto que algumas já vivenciaram situação de violência de gênero e de raça e por isso não tiveram nenhuma oportunidade ou uma perspectiva de ter um projeto de vida.

Essa pesquisa desenvolve-se a partir das seguintes indagações:

- (a) Elas pensam, um dia, ampliar seus conhecimentos, dando continuidade aos estudos, depois que tiverem concluído o ensino médio?
- (b) Elas têm uma perspectiva que leve em consideração a educação/instrução como uma prioridade para a construção de seus projetos de vida?
- (c) Existe algum motivo que possa fazê-las desistirem pelo caminho?

Essa pesquisa vem dar respostas às nossas várias perguntas. Para isso utilizamos como análise as categorias estigma, estereótipo, experiência e violência simbólica.

2 Objetivo

O interesse em pesquisar o tema *mulheres negras adolescentes*, três categorias sociais analíticas unidas, é uma forma de ampliar a compreensão de como esse contingente se encontra perante a sociedade, a mesma sociedade que define pontualmente seus papéis sociais. Papéis, aliás, que acabam sendo de alguma forma impostos e absorvidos sutilmente como maneiras por meio das quais as relações sociais são mantidas. Além dessa

preocupação específica o estudo da condição de vida de *mulheres negras adolescentes* procura responder a seguinte indagação: elas pensam, um dia, em ampliar seus conhecimentos e seus horizontes dando continuidade aos seus estudos? Há um projeto por que lutar depois que tiverem concluído o ensino médio?

Esse interesse provavelmente não teria surgido se eu não atuasse na área da educação há alguns anos e não encontrasse, egressas, anos depois de terem sido minhas alunas, simplesmente desvinculadas do espaço escolar, trabalhando em serviços pouco remunerados ou como donas de casa, essas mesmas meninas, transformadas pela vida em esposas e mães. Essa constatação tornou-se objeto de forte preocupação e me levou a questionar se, ainda na condição de aluna e de *mulheres negras adolescentes*, elas pensavam em uma perspectiva de futuro voltada para a valorização e realização pessoal e se elas teriam, então, a educação-instrução como ponto de partida e como forma de não ficarem somente inseridas no espaço doméstico. Na impossibilidade de saber daquelas muitas mulheres negras, que conheci adolescentes e com quem convivi, o porquê de não haverem dado continuidade aos estudos, resolvi iniciar uma pesquisa que tem como objeto o universo das *mulheres negras adolescentes* do ensino médio das escolas públicas e particulares, com o objetivo explícito de indagar pelos projetos de vida dessa população feminina negra. Há também o intuito de detectar se a perspectiva de futuro leva em consideração a educação-instrução como uma máxima e, finalmente, procurar saber quais são os motivos que possam fazê-las desistir dos estudos.

Para a realização desta pesquisa, priorizei como ponto de partida, as escolas estaduais e particulares do município de Araraquara que oferecem o ensino médio e tivemos como objetivo:

- Fixar a trajetória e a condição da mulher em uma sociedade racista;
- Saber se, aquelas que sobreviveram às condições de vida mais gerais e a despeito de todos os problemas das escolas públicas, as adolescentes negras que ingressam no ensino médio, prestes a encerrar o ensino secundário, tem seus projetos de vida marcados por experiências de vida contaminadas por terem sofrido com situações de violência racial.

3 Objeto de pesquisa

As Mulheres Negras Adolescentes no Ensino Médio perpassam três eixos de discussão:

O lugar que essas adolescentes representam na sociedade em especial nas escolas do ensino médio pesquisadas de Araraquara;

Discutir gênero enquanto relação de poder, no qual a mulher negra está inferiorizada tanto em relação à mulher branca, ao homem branco e ao homem negro;

E pensar a discriminação racial pelo viés da violência simbólica. Entendo-a não somente como a força física que se exerce sobre o outromas, como todos os mecanismos que impeçam os indivíduos de atuarem com segurança e sem constrangimento. Sendo assim, estamos falando de violência revestida de símbolos e significados e estamos nomeando como uma das formas de violência simbólica o estereótipo que permeia todas as relações sociais e se apresenta de várias maneiras, e no que nos interessa, em muitas delas, atuando como mecanismo de violência: eliminação da alteridade, eliminação simbólica do outro, manutenção de um universo imaginário.

A preocupação com a mulher negra adolescente é ver na adolescência um período no qual o adolescente começa a demarcar seu território de sociabilidade na escola e a ter contato com outras identidades, é pensar o adolescente enquanto credor de direitos num contexto de sociabilidade onde os padrões sociais são impostos. É compreender que nesse período as identidades étnicas/culturais começam a tomar um sentido maior de percepção. Por exemplo, o surgimento dos questionamentos do tipo: *o que o diferencia do grupo*. É nesse contexto, que os sinais de violências simbólicas tornam-se mais evidentes, por meio da estereotipagem e do estigma que estão colocados para as mulheres negras e, em geral, para os negros.

Diante da situação da mulher negra é que perguntamos: o que pensam as adolescentes negras que vivem a chegada ao ensino médio - estas que já viveram e já vivem, certamente, os estigmas da raça e do gênero – sobre o lugar social e sobre o futuro enquanto membros de uma sociedade marcada pelas discriminações de etnia racial e de gênero?

4 Justificativa

A nossa pesquisa se justifica por todas as discriminações e violências contra as mulheres negras como: menor expectativa de vida, menor renda mensal e menor escolaridade. Poucas exercem ocupações de nível superior. Há a presença marcante no serviço doméstico. São chefes de família e, na área da saúde, são discriminadas por não terem um atendimento específico para a população de mulheres negras com hipertensão arterial, anemia falciforme, miomas e diabetes. A importância acadêmica dessa pesquisa está no fato de estarmos desvelando quais são os anseios e as experiências dessas mulheres negras adolescentes no ensino médio e quais são suas pretensões futuras, o que estamos chamando de projeto de vida.

Socialmente, nossa pesquisa contribui para três questões básicas:

- As escolas de ensino médio têm uma demanda étnico-racial a ser melhor discutida e encaminhada no âmbito municipal, estadual e nacional;

- A quantidade e a qualidade das investigações nesse campo são importantes para oferecer a esse público a oportunidade de visualizar as suas necessidades e perspectivas. E essas mulheres negras adolescentes no ensino médio poderão ser o ponto de referência para outras mulheres;

- E os projetos de vida, a elevada auto-estima dessas mulheres negras adolescentes são um ganho social e político para o movimento de mulheres negras que têm uma história de luta para saírem do anonimato.

5 Metodologia

O marco teórico/metodológico utilizado para a compreensão do objeto foi a experiência que mostrou eficácia analítica quando aplicada. Lembramos o uso que dela faz E. P. Thompson (1981), em, A miséria da teoria ou um planetário de erros, quando aplicada à história dos trabalhadores ingleses. Nesse sentido, a utilização da categoria experiência é saber o que as mulheres negras adolescentes percebem subjetivamente como discriminação.

Metodologicamente, a categoria experiência utilizada para análise dos dados obtidos sobre as mulheres negras adolescentes mostrou-nos como essas adolescentes, subjetivamente, percebem as discriminações, quando retornam para alguns momentos de suas experiências na escola e contam como eram identificadas nesse espaço: negra macumbeira, negra fedida, gozações, palavras depreciativas, dentre outros aviltamentos.

6 Hipótese

Nossa hipótese inicial era que: os projetos de vida, as definições dos lugares futuros das mulheres negras adolescentes estarão marcados por alguma experiência de estereotipagem sentida como violência?

Essa nossa hipótese foi confirmada. A questão racial e a questão de gênero, ainda permanecem como referência-problema para o contingente de mulheres negras adolescentes que pensam sobre suas vidas futuras. Essas adolescentes apontam várias situações de discriminações étnico-racial e de gênero já vivenciadas. E acreditam que essas situações estarão sempre presentes em suas vidas, mas se preparam para superá-las.

O que está explícito para elas e para nós é que esse é o grande desafio e a resistência está na sua elevada auto-estima e na construção de um projeto de vida.

7 Procedimentos

Dentre as escolas estaduais de ensino médio, optamos por desenvolver esta pesquisa em duas delas, já que possuem uma grande clientela que absorve alunos de diversos bairros da cidade, entre eles, alguns provenientes de área de assentamentos.

A primeira escola estadual escolhida foi a E. E. Victor Lacorte, com 997 alunos matriculados, em fevereiro/2004, onde entrevistamos 26 adolescentes.

A segunda foi a E. E. Lea de Freitas Monteiro, com um corpo discente de 1563 matriculados, em fevereiro/2004, dos quais foram entrevistas 36 adolescentes. Entre as escolas estaduais, obtivemos a participação de 62 mulheres negras adolescentes.

Quanto à escolha das escolas particulares de ensino médio, optamos por duas:

Organização Educacional Pablo Neruda - O Colégio Neruda, contando com 117 alunos matriculados e, apenas uma adolescente negra, no período da manhã;

Coeducar, com 198 alunos matriculados e também com uma adolescente negra matriculada no período matutino.

Nossa pesquisa contou com um total de 64 mulheres negras adolescentes.

Os procedimentos utilizados para a escolha das mulheres adolescentes negras que participariam da entrevista foram:

- em primeiro lugar, a auto- identificação, isto é, o auto-reconhecimento, enquanto negras;
- em segundo lugar, o voluntariado: interpeladas, atenderiam ao nosso pedido, espontaneamente, decidindo participar da pesquisa.

Utilizamos como técnica o questionário aplicado em 64 adolescentes negras e a entrevista para 07 adolescentes selecionadas. Esse questionário consta de 56 questões e está dividido em 5 partes:

- Identificação pessoal;
- Identificação da Unidade Escolar;
- Vida Escolar;
- Projeto de Vida;
- Discriminação: racial e de gênero.

8 Resultados

Em nossa pesquisa, percebemos e constatamos o quanto a barreira da discriminação já faz parte da pouca experiência de vida dessas mulheres negras adolescentes que estão nesse momento passando por um processo de formação tanto psíquico como biológico e social; o quesito coraça é apontado como o delimitador de suas perspectivas, é um elemento passado de geração para geração com a mesma intensidade, repressão e violência e o racismo entendido como uma violência simbolicamente internalizada e capaz de destituir todo um conceito de humano e como as mulheres negras adolescentes estão frente a um estado de violência em suas vidas.

Ao se identificarem, essas mulheres negras adolescentes estabelecem no espaço escolar a sua aceitação enquanto diferente e, ao calar, é nossa hipótese, reforçam a democracia racial revestida de preconceitos e discriminações.

Hoje, ao que tudo indica, essas adolescentes estão querendo desafiar esse estado colocado para as mulheres negras. E isso parece ficar claro na prioridade dada aos estudos como forma de garantia para uma vida digna e infelizmente, a falta de uma comunicação entre a hierarquia de poder no espaço escolar para compreensão do significado e importância da discussão das diferenças, foi o que podemos observar nas falas dessas mulheres negras adolescentes, mas, mesmo assim, a escola aparece como sendo o caminho para essas mulheres negras adolescentes driblarem as violências e estão apostando na formação escolar para a construção de seus projetos de vida. Esse é o desafio que recai sobre elas, romper barreiras e tentar superar as condições de desigualdades e discriminações reforçadas inclusive em suas vidas como estudantes.

Os sinais de autonomia dessas mulheres negras desencadeiam inicialmente a des-constituição, de um estigma que faz parte do “inconsciente coletivo” da sociedade que é a suposta incapacidade do negro. O ímpeto é de demonstração de que isso não é real, apesar das implicações negativas em suas vidas.

Para essas mulheres negras adolescentes, o universo doméstico não é mais o indicador de perspectiva de vida. Elas almejam um futuro e se colocam enquanto sujeito e, sendo assim, começam a projetar um rompimento do universo da dominação masculina, além de indicar outras possibilidades para futuras gerações.

Ao nosso ver, a instituição escolar, formadora de capital cultural, precisa mudar e construir no espaço escolar uma compreensão de como se estabelecem as relações sociais, culturais e étnico-raciais nesse universo.

9 Conclusão

Quem são as mulheres negras adolescentes do ensino médio?

As mulheres negras adolescentes são pobres e a maioria delas vem de famílias que vivem com uma renda de 01 a 03 salários mínimos; encontram-se em número reduzido tanto nas escolas estaduais e, principalmente, nas particulares; as situações negativas econômicas e sociais já vivenciadas, até então, por essas mulheres negras adolescentes, não diminuiu a elevada auto-estima delas e estas se colocam dispostas para as mudanças que pretendem fazer em suas vidas, quando pensam em um projeto de vida voltado para a escolarização, para a instrução e o aperfeiçoamento após o ensino médio.

As mulheres negras adolescentes demonstram insatisfação com relação à atual situação em que vivem e não querem repetir a mesma

trajetória de suas famílias, que não tiveram as mesmas chances, mas que hoje são suas aliadas, procurando participar da vida escolar.

Ao construírem para si um projeto de vida, estão se dispondo a criar um espaço de questionamento para não aceitação dos lugares que até então estiveram colocados para elas na sociedade. Com essa atitude, estão propondo a uma modificação de mentalidade da sociedade em relação às diferenças étnico-raciais.

A escola-educação e o projeto de vida para as mulheres negras adolescentes

A escolarização é a forma de suscitar perspectivas de futuro para elas e estão trilhando esse caminho quando pergunto qual é o projeto de vida delas. Percebo que a escola e a escolarização são muito importantes para elas. O projeto de vida dessas adolescentes negras está vinculado à educação. É uma constatação que precisa ser qualificada porque tem uma dimensão muito particular para esse grupo étnico-racial, pois, educar é, também, pensar no futuro.

A educação apontada como prioridade para as adolescentes, e inserida como projeto de vida, parece ser uma forma de dar visibilidade a esse grupo étnico-racial, que não tem como construir uma identidade étnico-racial no espaço escolar, porque não se vê representada nesse espaço. Nesse sentido, tomo a escola como espaço significativo de representação de identidade e que é ao mesmo tempo reprodutora de violências, para perceber também o quanto tem importância para as adolescentes negras que pensam seu futuro para além do ensino médio. E o quanto a escola não pode ficar neutra em relação aos sinais evidentes de relações sociais alicerçadas na dissimulação do verdadeiro sentido de ser mulher - de ser mulher negra, uma vez que alimenta desejos que se manifestam “materialmente” nas oportunidades de vida das adolescentes negras.

Segundo Gomes em, *A mulher que vi de perto*. [...] A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sócio-cultural onde convivem os conflitos e contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as. (GOMES, 1996, p. 69):

Faz-se, necessário nesse sentido que a escola repense sua estrutura, como uma maneira de atender a uma demanda que é pertinente na formação dos educadores/as e dos educandos/as, que deve descaracterizar sua estrutura homogenia, segundo Taylor, C. *A política do reconhecimento*.¹ A luta por reconhecimento só pode encontrar uma solução satisfatória, em um regime de reconhecimento recíproco, entre iguais. O reconhecimento é algo que só é legitimado, quando se estende ao espaço público. O que vem comprovar por que a escola discrimina, pois ela tem seu projeto voltado para iguais. O processo de democratização do espaço escolar pode ser pensado como uma política da diferença, de quem somos e, de nossas características como seres humanos com nossas diferenças, particularidades e identidades.

Adolescent black women in average ensino: discrimination and challenge

Abstract

This paper is based on chapter of my master of science dissertation sociology in the field of the research. This student focus on the teenager black female, when constructing for itself a life project, are placing with disposal to create a situation of questioning of not acceptance of the places that are placed for them in the society. These black adolescents, independently not to have explicit which are the real facets of racism, to

¹ TAYLOR, C. *A política do reconhecimento*. In: _____. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 241-274.

be so recently in the construction of its conscience of negritude, if she considers to a fight that is the modification of the mentality in relation to ethnic-racial differences. We can perceive that this attitude is a new form of manifestation that cousin for rights that recognize the difference. The pertaining to school institution that is one of the formadoras of cultural capital, needs to be intent to these changes of claims that they are occurring on the part of ethnic-racial groups, to be able to construct in the pertaining to school space an understanding of as if they establish the racial relations in this universe. This if makes necessary so that let us can create in the pertaining to school space the respect for the differences.

Keywords: Gender. Adolescent. Discrimination. Stigma. Education.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GOMES, N. L. *A mulher que vi de perto: o processo de construção racial de professoras negras*. Belo Horizonte: Mazda, 1995.

TAYLOR, C. A política do reconhecimento. In: _____. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.